

CLIPPING IMPRESSO

16/02/2020



INDICE

1. JORNAL ATOS E FATOS	
1.1. DESEMBARGADOR.....	1
1.2. JUÍZES.....	2
2. JORNAL EXTRA	
2.1. DESEMBARGADOR.....	3
2.2. JUÍZES.....	4
3. JORNAL O IMPARCIAL	
3.1. JUÍZES.....	5 - 6
3.2. VARA DA FAMÍLIA.....	7 - 9
4. JORNAL PEQUENO	
4.1. ASSESSORIA.....	10
4.2. COMARCAS.....	11
4.3. DESEMBARGADOR.....	12
4.4. INSTITUCIONAL.....	13
4.5. JUÍZES.....	14
4.6. SERVENTIAS EXTRAJUDICIAIS.....	15

E-mail pra **Dona Bibi**

djalmarodrigues1@gmail.com

A circular portrait of a woman with dark hair, wearing a light-colored top and a necklace. She is looking directly at the camera with a neutral expression.

O presidente da Câmara de Raposa, Beka Rodrigues, saiu na frente e está levando três desembargadores e um juiz como palestrantes para um painel de debates naquela casa parlamentar, no próximo dia 6 de março. O painel é sobre as regras das eleições deste ano.



Osmar Gomes dos Santos, Juiz de Direito da Comarca da Iha de São Luís. Membro das Academias Ludovicense de Letras; Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras.

LÍNGUA PORTUGUESA EM PERIGO?

Em um desses fins de semana recentes, encontrava-me sentado em meu sofá, estrategicamente posicionado no meio da sala. A televisão, posicionada logo à frente, estava ligada, embora eu estivesse totalmente desligado, perdido em meus pensamentos devaneios, que me fazem fugir da realidade e me transportam para tempos longínquos.

Um estalo. Recobro minha atenção para o momento. Passo a mão no controle e decido conferir a programação dos canais abertos que temos à disposição. Deparo-me com um programa que me chama bastante atenção. Duas equipes de jovens travam uma disputa cujo prêmio é uma viagem com seus amigos. Para isso, precisam somar pontos em vários desafios de conhecimentos gerais a conteúdos lecionados nas escolas.

O que me deixou estupefato foi justamente o fato do programa ser destinado a jovens que, aparentemente, se encontram na fase de transição entre ensino médio e a faculdade. Nessa faixa etária, em tese, a juventude deveria estar a todo vapor, devorando livros e por dentro dos principais temas em debate. A curiosidade e a perspicácia deveriam ser características marcantes nessa fase da vida.

O programa se desenrolava, com perguntas e “xaradas” sobre temas diversos – conhecimentos gerais, geografia, entre outros. Na prova, cada etapa vencida permitia ao desafiante avançar “uma casa”, oportunidade em que mudavam os desafios.

Eis que é chegado o dito

desafio que me desperta mais atenção, era de soletrar a palavra dita e repetida pelo apresentador, incluindo eventuais sinais e acentos gráficos. Bastava um acerto para finalizar a prova. Mas o último desafio, aparentemente fácil, se estendeu por mais de uma dezena de minutos, uma vez que nenhum dos alunos conseguia soletrar, de forma correta, as palavras, algumas até bem presentes em nosso cotidiano.

O nome do programa, do colégio, tampouco dos alunos não vem ao caso. Minha preocupação recaiu sobre as respostas e, de forma geral, me fez pensar na qualidade do ensino que temos atualmente.

Terregiver (tergiversar), idiocrásia (idiossincrasia), oniciencia (onisciência), microondas (micro-ondas), obsção (obsessão), reflêxo (reflexo), textil (têxtil), exeptional (excepcional), prachi (praxe), atarrachar (atarraxar).

Aquelas respostas causaram-me espanto, ao passo que acenderam o sinal de alerta para como estamos tratando nossa Língua Portuguesa.

Embora possa haver dificuldade em uma ou outra grafia, a maior parte das palavras ora mencionadas no desafio são usuais no vocabulário, principalmente para quem ainda frequenta os bancos escolares e, por essa razão, devem estar em permanente contato com conteúdos educacionais dos mais diversos, em especial o nosso Português.

Embora estudos indiquem o aumento no percentual de leitura entre pessoas que dizem ler – o que é algo muito subjetivo, pois é um dado que não se pode mensurar por meios concretos –, ainda é

baixo e pouco diverso o conteúdo daquilo que leem. A bíblia e alguns escritos religiosos estão entre as obras mais citadas.

A leitura, de fato, ajuda na boa redação, mas mais do que a quantidade, a qualidade é que faz toda a diferença. Aí é que mora o ponto nevrálgico. Naturalmente para se escrever bem é preciso conhecimento do vocabulário, que por sua vez é adquirido com o hábito da leitura e o exercício da escrita.

Daí porque a afirmação de muitos especialistas que esta é uma deficiência trazida desde as séries iniciais, já que crianças são pouco estimuladas para a escrita e leitura, exercitando pouco o potencial a ser explorado. Não por acaso, a redação continua ser um “bicho-papão” de vestibulares e concursos Brasil a fora.

À falta de incentivo na tenra idade, soma-se a interferência das tecnologias de informática e da comunicação na escrita, notadamente na geração chamada de “millennials”. Ela praticamente já não escreve, a não ser quando exigida, em regra. Utilizam programas e aplicativos de digitação nos quais a “correção” de palavras é automática ou, em alguns casos, fazem o emprego de “vocabulos” segundo convenções modernas, fora da norma padrão.

É uma geração marcada pela ansiedade acerca dos acontecimentos e que, por consequência, se expressa de forma mais intensa pelas chamadas redes sociais – com postagens e comentários abreviados e sem respeitar as regras. A leitura e o exercício permanente da escrita correta, o que

demanda tempo e paciência, vão sendo deixados de lado. Peca-se no vocabulário, erra-se a ortografia, rasga-se a gramática.

Mas as novas tecnologias não são necessariamente vilãs, uma vez que possuem suas qualidades, como contribuir para estimular a criatividade e permitir acesso a um vasto conhecimento nas plataformas digitais. A grande questão é saber equilibrar o tempo entre o uso das ferramentas disponíveis e a leitura de obras, revistas e jornais, combinado com o exercício diário da escrita.

A ansiedade, a falta de concentração e o pouco controle emocional também interferem negativamente em uma boa escrita, mas são fatores que podem ser trabalhados se iniciados desde cedo. Juntando-se o conhecimentos gerais e o estudo da nossa Língua Portuguesa ao bom preparo psicológico, é possível ir bem em qualquer situação.

Importante destacar que o papel da família é fundamental no incentivo da leitura e na promoção do diálogo acerca do conteúdo lido. Presentear com livros, visitar bibliotecas, assistir peças teatrais e noticiários também estimula o senso crítico e a formação de opinião. O hábito de leitura reflete diretamente em como nos expressamos ao mundo.

Sobre o programa de audiótório? Bom, após dez palavras erradas, “estrofe” foi soletrada corretamente. Uma prova de que a persistência deve prevalecer às adversidades, o que também ocorre com a nossa língua. Em bom Português: somente a prática leva à perfeição.

M EMAIL PARA **Mãe Bibi**

O presidente da Câmara de Raposa, Beka Rodrigues, saiu na frente e está levando três desembargadores e um juiz como palestrantes para um painel de debates naquela casa parlamentar, no próximo dia 6 de março. O painel é sobre as regras das eleições deste ano.

Juiz de Direito da Comarca da Ilha de São Luís; Membro das Academias Ludovicense de Letras, Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras.

As matérias assinadas são de inteira responsabilidade dos seus autores



LÍNGUA PORTUGUESA EM PERIGO?

*Osmar Gomes dos Santos

Em um desses fins de semana recentes, encontrava-me sentado em meu sofá, estrategicamente posicionado no meio da sala. A televisão, posicionada logo à frente, estava ligada, embora eu estivesse totalmente desligado, perdido em meus pensamentos devaneios, que me fazem fugir da realidade e me transportam para tempos longínquos.

Um estalo. Recobro minha atenção para o momento. Passo a mão no controle e decido conferir a programação dos canais abertos que temos à disposição. Deparo-me com um programa que me chama bastante atenção. Duas equipes de jovens travam uma disputa cujo prêmio é uma viagem com seus amigos. Para isso, precisam somar pontos em vários desafios de conhecimentos gerais a conteúdos lecionados nas escolas.

O que me deixou estupefato foi justamente o fato do programa ser destinado a jovens que, aparentemente, se encontram na fase de transição entre ensino médio e a faculdade. Nessa faixa etária, em tese, a juventude deveria estar a todo vapor, devorando livros e por dentro dos principais temas em debate. A curiosidade e a perspicácia deveriam ser características marcantes nessa fase da vida.

O programa se desenrolava, com perguntas e “xaradas” sobre temas diversos – conhecimentos gerais, geografia, entre outros. Na prova, cada etapa vencida permitia ao desafiante avançar “uma casa”, oportunidade em que mudavam os desafios.

Eis que é chegado o dito desafio que me desperta mais atenção, era de soletrar a palavra dita e repetida pelo apresentador, incluindo eventuais sinais e acentos gráficos. Bastava um acerto para finalizar a prova. Mas o último desafio, aparentemente fácil, se estendeu por mais de uma dezena de minutos, uma vez que nenhum dos alunos conseguia soletrar, de forma correta, as palavras, algumas até bem presentes em nosso cotidiano.

O nome do programa, do colégio, tampouco dos alunos não vem ao caso. Minha preocupação recaiu sobre as respostas e, de forma geral, me fez pensar na qualidade do ensino que temos atualmente.

Terregiver (tergiversar), idiocrásia (idiosincrasia), oniciência (onisciência), microondas (micro-ondas), obsção (obsessão), reflêxo (reflexo), textil (têxtil), exepcional (excepcional), prachi (praxe), atarrachar (atarraxar).

Aquelas respostas causaram-me espanto, ao passo que acenderam o sinal de alerta para como estamos tratando nossa Língua Portuguesa.

Embora possa haver dificuldade em uma ou outra grafia, a maior parte das palavras ora mencionadas no desafio são usuais no vocabulário, principalmente para quem ainda frequenta os bancos escolares e, por essa razão, devem estar em permanente contato com conteúdos educacionais dos mais diversos, em especial o nosso Português.

Embora estudos indiquem o aumento no percentual de leitura entre pessoas que dizem ler – o que é algo muito subjetivo, pois é um dado que não se pode mensurar por meios concretos –, ainda é baixo e pouco diverso o conteúdo daquilo que leem. A bíblia e alguns escritos religiosos estão entre as obras mais citadas.

A leitura, de fato, ajuda na boa redação, mas mais do que a quantidade, a qualidade é que faz toda a diferença. Aí é que mora o ponto nevrálgico. Naturalmente para se escrever bem é preciso conhecimento do vocabulário, que por sua vez é adquirido com o hábito da leitura e o exercício da escrita.

Daí porque a afirmação de muitos especialistas que esta é uma deficiência trazida desde as séries iniciais, já que crianças são pouco estimuladas para a escrita e leitura, exercitando pouco o potencial a ser explorado. Não por acaso, a redação continua ser um “bicho-papão” de vestibulares e concursos Brasil a fora.

À falta de incentivo na tenra idade, soma-se a interferência das tecnologias de informática e da comunicação na escrita, notadamente na geração chamada de “millennials”. Ela praticamente já não escreve, a não ser quando exigida, em regra. Utilizam programas e aplicativos de digitação nos quais a “correção” de palavras é automática ou, em alguns casos, fazem o emprego de “vocábulos” segundo convenções modernas, fora da norma padrão.

É uma geração marcada pela ansiedade acerca dos acontecimentos e que, por consequência, se expressa de forma mais intensa pelas chamadas redes sociais – com postagens e comentários abreviados e sem respeitar as regras. A leitura e o exercício permanente da escrita correta, o que demanda tempo e paciência, vão sendo deixados de lado. Peca-se no vocabulário, erra-se a ortografia, rasga-se a gramática.

Mas as novas tecnologias não são necessariamente vilãs, uma vez que possuem suas qualidades, como contribuir para estimular a criatividade e permitir acesso a um vasto conhecimento nas plataformas digitais. A grande questão é saber equilibrar o tempo entre o uso das ferramentas disponíveis e a leitura de obras, revistas e jornais, combinado com o exercício diário da escrita.

A ansiedade, a falta de concentração e o pouco controle emocional também interferem negativamente em uma boa escrita, mas são fatores que podem ser trabalhados se iniciados desde cedo. Juntando-se o conhecimentos gerais e o estudo da nossa Língua Portuguesa ao bom preparo psicológico, é possível ir bem em qualquer situação.

Importante destacar que o papel da família é fundamental no incentivo da leitura e na promoção do diálogo acerca do conteúdo lido. Presentear com livros, visitar bibliotecas, assistir peças teatrais e noticiários também estimula o senso crítico e a formação de opinião. O hábito de leitura reflete diretamente em como nos expressamos ao mundo

Sobre o programa de auditório? Bom, após dez palavras erradas, “estrofe” foi soletrada corretamente. Uma prova de que a persistência deve prevalecer às adversidades, o que também ocorre com a nossa língua. Em bom Português: somente a prática leva à perfeição.

*Juiz de Direito da Comarca da Ilha de São Luís; Membro das Academias Ludovicense de Letras, Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras.

LÍNGUA PORTUGUESA EM PERIGO?

OSMAR GOMES DOS SANTOS

Juiz de Direito da Comarca da Iha de São Luís. Membro das Academias Ludovicense de Letras; Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letra

Em um desses fins de semana recentes, encontrava-me sentado em meu sofá, estrategicamente posicionado no meio da sala.

A televisão, posicionada logo à frente, estava ligada, embora eu estivesse totalmente desligado, perdido em meus pensamentos devaneios, que me fazem fugir da realidade e me transportam para tempos longínquos.

Um estalo. Recobro minha atenção para o momento. Passo a mão no controle e decido conferir a programação dos canais abertos que temos à disposição. Deparo-me com um programa que me chama bastante atenção. Duas equipes de jovens travam uma disputa cujo prêmio é uma viagem com seus amigos. Para isso, precisam somar pontos em vários desafios de conhecimentos gerais a conteúdos lecionados nas escolas.

O que me deixou estupefato foi justamente o fato do programa ser destinado a jovens que, aparentemente, se encontram na fase de transição entre ensino médio e a faculdade. Nessa faixa etária, em tese, a juventude deveria estar a todo vapor, devorando livros e por dentro dos principais temas em debate. A curiosidade e a perspicácia deveriam ser características marcantes nessa fase da vida.

O programa se desenrolava, com perguntas e “xaradas” sobre temas diversos – conhecimentos gerais, geografia, entre outros. Na prova, cada etapa vencida permitia ao desafiante avançar “uma casa”, oportunidade em que mudavam os desafios.

Eis que é chegado o dito desafio que me desperta mais atenção, era de soletrar a palavra dita e repetida pelo apresentador, incluindo eventuais sinais e acentos gráficos. Bastava um acerto para finalizar a prova. Mas o último desafio, aparentemente fácil, se estendeu por mais de uma dezena de minutos, uma vez que nenhum dos alunos conseguia soletrar, de forma correta, as palavras, algumas até bem presentes em nosso cotidiano.

O nome do programa, do colégio, tampouco dos alunos não vem ao caso. Minha preocupação recaiu sobre as respostas e, de forma geral, me fez pensar na qualidade do ensino que temos atualmente.

Terregiver (tergiversar), idiocrásia (idiossincrasia), oniciencia (onisciência), microondas (micro-ondas), obsção (obsessão), reflêxo (reflexo), textil (têxtil), exepcional (excepcional), prachi (praxe), atarrachar (atarraxar).

Aquelas respostas causaram-me espanto, ao passo que acenderam o sinal de alerta para como estamos tratando nossa Língua Portuguesa.

Embora possa haver dificuldade em uma ou outra grafia, a maior parte das palavras ora mencionadas no desafio são usuais no vocabulário, principalmente para quem ainda frequenta os bancos escolares e, por essa razão, devem estar em permanente contato com conteúdos educacionais dos mais diversos, em especial o nosso Português.

Embora estudos indiquem o aumento no percentual de leitura entre pessoas que dizem ler – o que é algo muito subjetivo, pois é um dado que não se pode mensurar por meios concretos –, ainda é baixo e pouco diverso o conteúdo daquilo que leem. A bíblia e alguns escritos religiosos estão entre as obras mais citadas.

A leitura, de fato, ajuda na boa redação, mas mais do que a quantidade, a qualidade é que faz toda a diferença. Aí é que mora o ponto nevrálgico. Naturalmente para se escrever bem é preciso conhecimento do vocabulário, que por sua vez é adquirido com o hábito da leitura e o exercício da escrita.

Daí porque a afirmação de muitos especialistas que esta é uma deficiência trazida desde as séries iniciais, já que crianças são pouco estimuladas para a escrita e leitura, exercitando pouco o potencial a ser explorado. Não por acaso, a redação continua ser um “bicho-papão” de vestibulares e concursos Brasil afora.

À falta de incentivo na tenra idade, soma-se a interferência das tecnolo-

gias de informática e da comunicação na escrita, notadamente na geração chamada de “millennials”. Ela praticamente já não escreve, a não ser quando exigida, em regra. Utilizam programas e aplicativos de digitação nos quais a “correção” de palavras é automática ou, em alguns casos, fazem o emprego de “vocábulos” segundo convenções modernas, fora da norma padrão.

É uma geração marcada pela ansiedade acerca dos acontecimentos e que, por consequência, se expressa de forma mais intensa pelas chamadas redes sociais – com postagens e comentários abreviados e sem respeitar as regras. A leitura e o exercício permanente da escrita correta, o que demanda tempo e paciência, vão sendo deixados de lado. Peca-se no vocabulário, erra-se a ortografia, rasga-se a gramática.

Mas as novas tecnologias não são necessariamente vilãs, uma vez que possuem suas qualidades, como contribuir para estimular a criatividade e permitir acesso a um vasto conhecimento nas plataformas digitais. A grande questão é saber equilibrar o tempo entre o uso das ferramentas disponíveis e a leitura de obras, revis-

tas e jornais, combinado com o exercício diário da escrita.

A ansiedade, a falta de concentração e o pouco controle emocional também interferem negativamente em uma boa escrita, mas são fatores que podem ser trabalhados se iniciados desde cedo. Juntando-se o conhecimentos gerais e o estudo da nossa Língua Portuguesa ao bom preparo psicológico, é possível ir bem em qualquer situação.

Importante destacar que o papel da família é fundamental no incentivo da leitura e na promoção do diálogo acerca do conteúdo lido. Presentear com livros, visitar bibliotecas, assistir peças teatrais e noticiários também estimula o senso crítico e a formação de opinião. O hábito de leitura reflete diretamente em como nos expressamos ao mundo

Sobre o programa de auditório? Bom, após dez palavras erradas, “estrofe” foi soletrada corretamente. Uma prova de que a persistência deve prevalecer às adversidades, o que também ocorre com a nossa língua. Em bom Português: somente a prática leva à perfeição.

FAMÍLIA

Ampla maioria das audiências terminam em acordo

Projeto está em vigor desde 2018 e é executado pela 3ª Vara da Família. Atualmente o número chega a 95% de acordos.

PAGINA 13

CONSTELAÇÃO FAMILIAR

95% das audiências terminam em acordo

Projeto está em vigor desde 2018 na capital executado pela 3ª Vara da Família e inicia as atividades de 2020 com uma roda de conversa sobre a ferramenta

PATRÍCIA CUNHA

A Constelação Familiar, técnica psicoterapêutica, criada pelo alemão Bert Hellinger, usada no Poder Judiciário em vários estados, tem ajudado, aqui na capital, a resolver conflitos relacionados à disputa de guarda de crianças, alienação parental, inventários e pensão alimentícia, entre outros processos. Desde que começou a funcionar na 3ª Vara da Família de São Luís, pelo menos 40 ações já foram realizadas, com resolução de cerca de 95% dos acordos judiciais.

Para iniciar as atividades deste ano, a 3ª Vara da Família de São Luís vai realizar no próximo dia 18 de fevereiro (terça-feira) a roda de conversa Constelação Familiar na Justiça, com a consteladora familiar e sistêmica, Cláudia Chaves. A abertura será realizada pela juíza Joseane Bezerra, às 15h30, no Salão Ecumênico do Fórum. Em seguida, Cláudia Chaves promoverá a interação dos participantes por meio de dinâmicas vivenciais procurando demonstrar na prática como a metodologia da constelação sistêmica funciona.

A intenção é mostrar ao público em geral como funciona a ferramenta e como ela tem sido eficaz nos acordos processuais influenciando as relações pessoais e os conflitos sociais. O evento também vai apresentar o Projeto Constelação Familiar, desenvolvido pela juíza titular da 3ª Vara, Joseane de Jesus Corrêa Bezerra. “A gente faz essa roda de conversa com as partes processuais convidadas para conhecer a ferramenta, a gente trabalha a conscientização do papel dentro de cada um



DIVULGAÇÃO

CLÁUDIA CHAVES É CONSTELADORA FAMILIAR E SISTÊMICA DA 3ª VARA DA FAMÍLIA

dentro da família e fazemos essa roda aberta para explicar como ela é trabalhada no projeto”, disse Cláudia.

Funciona assim: os processos judiciais são escolhidos por temas, as partes são convidadas para participar das rodas de constelação que acontecem no Fórum de São Luís. Na maioria das vezes as partes interessadas vão, falam e são ouvidas. Em 10 dias é marcada a audiência e em geral, as partes já vão com um outro olhar sobre o caso. “A constelação é uma técnica terapêutica que trabalha a reconstrução dos vínculos familiares, que faz com que você tenha um olhar sobre a família, o papel de cada um dentro dela. Fazemos algumas dinâmicas e aí quando essas pessoas chegam na audiência elas já vão um pouco menos

resistentes. Eles mudam um pouco o olhar sobre o problema. Há uma quebra disso. O conflito acontece porque ninguém quer mais conversar com o outro. Então a gente tenta resgatar esse vínculo familiar”, afirmou Cláudia.

A técnica psicoterapêutica foi criada pelo alemão Bert Hellinger e é usada no Poder Judiciário em vários estados, mostrando-se eficaz em conflitos relacionados à disputa de guarda de crianças, alienação parental, inventários e pensão alimentícia, entre outros.

No Maranhão, a juíza Joseane Bezerra, uma das incentivadoras da utilização dessa ferramenta, aposta no projeto como um valioso método de auxílio em suas audiências para a autocomposição das partes.

Humanização dos conflitos na Constelação



A intenção é esclarecer as partes sobre o que há por trás do conflito que gerou o processo judicial e abrir caminhos para a pacificação social.

Os conflitos levados para uma sessão de Constelação, em geral, versam sobre questões familiares, como violência doméstica, endividamento, guarda de filhos, divórcios litigiosos, inventário, adoção e abandono. “É com certeza uma ferramenta de sucesso, até para que essas partes encontrem a paz. Porque do que adianta entrar na justiça, ganhar algum dinheiro, ganhar a sentença, e não ter pa? A constelação é uma ferramenta de paz entre as partes. Mesmo que elas não consigam acordo, elas ganham um novo olhar sobre o outro, porque quebra aquela resistência emocional. Muitos deles vão armados e com as rodas de conversa acabam ficando mais abertos ao diálogo. É um

projeto muito do coração”.

*É com certeza uma
ferramenta de sucesso,
até para que essas partes
encontrem a paz*

A medida está alinhada à Resolução CNJ n. 125/2010 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), destinada a estimular práticas que proporcionam tratamento adequado dos conflitos, assim como ao novo Código de Processo Civil, que estimula medidas que promovam o apaziguamento entre opostos.

Segundo o poder judiciário, a partir

de março serão realizadas dinâmicas com jurisdicionados, que são partes em processos da 3ª Vara da Família, como vem sendo feito desde a implantação do projeto na unidade judiciária.

Durante a atividade, os participantes, por meio de conceitos, dinâmicas em grupo e exemplos práticos do dia a dia, aprendem sobre a importância da ferramenta para a solução dos conflitos.

Cláudia Chaves é voluntária e uma das executoras do projeto desde 2018. A palestrante é pós-graduada em Ciências Criminais, tem formação em Constelação Sistêmica e Familiar e é idealizadora de projetos comunitários em “Rodas de Culturas de Paz”, nos municípios de São Luís e Raposa, com temas de restauração de vínculos familiares e empoderamento de mulheres vítimas de violência doméstica.



Vírus novo, medos antigos

No Século XIV, a Grande Peste matou pelo menos um quarto da população da Europa Ocidental. Mais tarde, cidades como Marselha e Milão perderam quase metade de seus habitantes.

Exatamente 100 anos atrás, a Gripe Espanhola matou cerca de 3% da humanidade. É como se hoje morressem de gripe mais de 200 milhões de pessoas.

Dos escombros da Primeira Guerra Mundial, a doença se alastrou, atingindo soldados, artistas, rei, presidentes, influenciando acontecimentos mundiais.

Era o quarto ano de uma guerra como nunca se vira até então. Época de revolução e de aparições místicas. Dos escombros e trincheiras enlameadas, emergiu uma praga só comparável à Peste Negra medieval.

Nunca uma epidemia se alastrou tão rápido por área tão extensa e matando tanta gente. No dia 4 de março de 1918, no Kansas (Estados Unidos), ocorreu o que foi considerado o primeiro registro do que ficou conhecido como Gripe Espanhola.

Não há estimativas exatas, mas diferentes fontes falam em 20 milhões a 40 milhões, chegando a 50 milhões ou até 100 milhões de mortos em pouco mais de dois anos.

Para ter ideia da dimensão do que isso significa, a Primeira Guerra Mundial – que terminou em 1918 e redefiniu tecnologias bélicas, estratégias de luta e padrões de mortandade – tem número de cadáveres estimado entre 10 milhões e 20 milhões em quatro anos.

Na época, a censura de guerra estava em vigor na Europa e as notícias da virulência da epidemia circularam pouco no mundo.

Não houve alerta sanitário ou tampouco noticiários jornalísticos que transmitissem boletins informativos sobre mortos e infectados ou sobre as atualizações e precauções a serem tomadas.

Antigamente, a medicina se mostrava impotente, mas o sistema religioso fornecia ao corpo social algo para resistir espiritualmente.

Nossa época deixa descobertas as preocupações espirituais, ignora o sentido da vida e acredita poder esconjurar a angústia da morte.

Por outro lado, encontra ajuda na tecnologia, nas medidas sanitárias e na ciência. Mesmo que certas escolhas possam ser criticadas, as grandes vacinações fizeram recuar ou desaparecer as doenças graves.

No entanto, o que acreditávamos ter sido posto no passado nunca será completamente descartado. Pode ser uma angústia surda, atávica, que se revela nos dias de hoje com o coronavírus.

Do clima ao vírus, do ambiental às armas, a humanidade está redescobrendo sua dupla vulnerabilidade com relação à natureza e à sua própria loucura. A preocupação está de volta.

A epidemia do coronavírus nos lembra que a humanidade não é apenas uma justaposição de Nações. As doenças, assim como as imagens, circulam em alta velocidade.

Dizem que a mídia está tendo um papel muito grande no comércio da ansiedade. Mas como podemos julgar isso quando, por um lado, a Organização Mundial da Saúde da ONU declara em alto e bom som o risco associado ao coronavírus na China e no mundo, embora a taxa de

mortalidade seja pouco mais de 2%.

O planeta encolheu. Todas as coisas extrapolam as fronteiras. Já estamos tentando medir o impacto do coronavírus no comércio, no turismo e na economia mundial. Precisamos de respostas globais.

É incrível ver como aquilo que aconteceu em um mercado de Wuhan, no centro da China, afeta instantaneamente o cotidiano das pessoas no mundo inteiro.

O planeta hiperconectado cria condições para que diversos vírus se espalhem pelo mundo. Sistemas de alertas, monitoramentos e padrões de imunização tentam conter o risco cada vez mais iminente.

A facilidade para espalhar uma doença globalmente se multiplicou exponencialmente. Sabemos que acontecerá, mas não temos nenhuma possibilidade de evitar a disseminação.

Combater o delírio de notícias erradas ou de reações totalmente enganosas é a batalha paralela que deve encorajar os governos a empreender. As epidemias são eventos que mantêm a sua imprevisibilidade, a despeito das diretrizes internacionais.

O coronavírus reflete negativamente o senso de perigo decorrente da interconexão sem precedentes da humanidade, com uma relação articulada em torno dos valores de mercado, hierarquias de interesses particulares, lógicas de competição, em vez dos valores de solidariedade.

O coronavírus não é apenas a primeira epidemia das mídias sociais, mas é também o pretexto para medir a patologia da interiorização do ódio no planeta, que se difunde muito mais rapidamente do que o contágio nesta fase de penetração do coronavírus.

A única medida a ser tomada para derrotar os surtos é fazer com que todos os países trabalhem em espírito de solidariedade e cooperação. Essa é a regra do jogo. A solidariedade não poder continuar ausente em muitas partes do mundo.

Nos discursos de muitos países ainda encontram-se inconclusas muitas questões que devem ser colocadas no seu devido contexto, pois enquanto nacionalistas prometem a construção de novos muros eles esquecem que, para o bem ou para o mal, estamos mais conectados do que nunca.

Voltando ao paradoxo do minúsculo coronavírus, que paralisa a maior diáspora no mundo, influencia o mercado e faz cair as bolsas, vale lembrar que sua capacidade de penetração dependerá da diferença entre a rapidez da infecção e a taxa de remoção da infecção por cura ou morte. Se a primeira superar a segunda, o risco é real para toda a humanidade.

Assim, ao caos material pode se acrescentar uma desordem mundial, com o panorama político se tornando cada vez mais caótico com países desenvolvendo políticas isolacionistas que só servem para solapar os esforços internacionais de colaboração.

Não faltam os céticos da pandemia. O número de pessoas contagiadas é inferior à típica gripe sazonal, mas poderia ser um erro confundir o início de um surto com a natureza do vírus, que muda, e cujo ativismo depende muito das ferramentas que os países podem pôr em campo para freá-lo e combatê-lo. A China é um golpe de sorte desse ponto de vista.

Últimas Notícias

Homem é preso transitando em carro roubado na BR-010

Um passageiro foi preso, na sexta-feira (14), pela Polícia Rodoviária Federal (PRF), durante fiscalização de rotina, no km 156 da BR-010, no município de Porto Franco. De acordo com a PRF, contra o homem, que estava em um veículo com placas do estado da Bahia, foi constatada a existência de um mandado de prisão expedido pela vara única da cidade de Montes Altos, no interior do Maranhão, desde o dia 5 de junho do ano passado. Na ocasião, a PRF também encontrou sinais de adulteração no carro em que ele estava.

Ao checar o número do chassi, foi verificado que o veículo estava registrado como roubado. Questionado, o condutor informou que apenas dirigia para o passageiro, e este disse que o carro seria de propriedade do seu irmão.

Ambos foram presos também por receptação de veículos e, em seguida, encaminhados à Delegacia de Porto Franco. Com eles, os agentes localizaram R\$ 1.575,00 em espécie, dois celulares, além de três cheques, sendo um no valor de R\$ 1.227,89, outro de R\$ 29.785,00 e um em branco. **(AR)**

José Luiz Almeida

Desembargador do Tribunal de Justiça do Maranhão. Escreve para o Jornal Pequeno aos Domingos, quinzenalmente / jose.luz.almeida@globo.com / www.joseluzalmeida.com



QUEM PODE MAIS CHORA MENOS

A seletividade do Direito Penal no Brasil sempre esteve presente em nossas vidas, como uma chaga difícil de ser expungida. Antes, para ilustrar, um dado histórico, para reafirmar a seletividade do sistema penal no Brasil, ao que tudo indica, tende, depois de um período de alvíssaras (Lava Jato), a se perpetuar, em face de algumas posições adotadas nas mais diferentes esferas de poder e sobre as quais farei menção adiante. Pois bem. No Brasil colônia, a seletividade da Justiça não era apenas escancarada, mas também prevista em lei. Assim sendo, em 1731 foi criada em Vila Rica (olhem só) uma Junta dedicada exclusivamente “aos” delinquentes bastardos, carijós, mulatos e negros”. Trinta e oito anos depois, o governador de Minas Gerais baixou instruções determinando a prisão imediata dos “vadios e facinorosos” sem qualquer formalidade anterior. Já os “homens bons”, os “bem reputados” e as “pessoas bem morigeradas”, esses não deveriam ser incomodados com processos judiciais e muito menos com prisão, mesmo que por algum “caso accidental” tivessem cometido crimes. (from “O Tiradentes: Uma biografia de Joaquim José da Silva Xavier” by Lucas Figueiredo). Em que difere o país atual do Brasil de antanho? No que se refere à seletividade do Direito Penal, estou convicto, muito pouco. É que por aqui a igualdade penal é mera formalidade, para ludibriar mesmo. Dessa forma, tudo está como sempre foi; prende-se muito e prende-se mal - preferencial, e prioritariamente, os miseráveis. Aos miseráveis, reconhecemos, destinamos, quase com exclusividade e até com certa obsessão, as nossas forças, as nossas energias, sem o menor constrangimento, e com isso incutimos nos desavisados a falsa sensação de que estamos operando para combater a criminalidade. Depois do período de esperança sobre o qual me reportei acima, é bom que não nos iludamos quanto à expectativa que criamos de combate linear criminalidade, de destinação da lei penal

a todos indiscriminadamente. É que há, sim, nos dias atuais, à vista de todos, um panorama que permite entrever que, doravante, será quase impossível - a não ser excepcionalmente - punir os tubarões da criminalidade. E os exemplos estão aí, à vista de todos: fim da prisão em segunda instância; lei de abuso de autoridade; limitação das deleções premiadas; restrições à prisão preventiva; juiz de garantias etc. A prisão, tão somente depois de esgotadas as vias recursais, por exemplo - uma jaboticaba brasileira - inviabilizará inapelavelmente, a punição dos criminosos do andar de cima, ainda que se considere a relevância da recente decisão do STF, num caso isolado, de interrupção do prazo prescricional após a condenação em segunda instância. Diante de tudo isso, é bom encarar a realidade: nenhum criminoso que disponha de condições financeiras será preso no Brasil, a não ser, repito, excepcionalmente, a persistir - como tudo indica persistirá - a necessidade de esgotamento das instâncias recursais. A propósito da prisão em segunda instância, que tanto contribuiu nos anos pretéritos no combate aos crimes de colarinho branco, importa anotar, à guisa de ilustração, que nações do mundo civilizado a contempla - Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, França e Espanha. Daí a minha conclusão de que a sua implementação no Brasil, antes de se constituir um abespinhamento de garantias penais, como se tenta fazer crer, se constitui, sim, num excepcional instrumento a serviço do tratamento igualitário aos transgressores da ordem. Noutro giro, no que condiz com o juiz das garantias, o que se pretende, da mesma forma, é dificultar o combate à criminalidade graúda, pois com ele cria-se uma esdrúxula instância que contribuirá para a postergação dos processos. Ademais, pondere-se que esse famigerado juiz das garantias jamais seria cogitado se as instâncias persecutórias não tivessem ousado atingir os criminosos do andar

de cima, uma vez que a sua implementação, só não ver quem não quer, não passa mesmo de mais um antídoto a inviabilizar o tratamento igualitário de todos perante a lei penal. Chamo a atenção para o fato de que a prova antes produzida pelo mesmo juiz a quem cabia julgar a causa penal, aos olhos dos mais destacados juristas, nunca tinha sido, antes da Lava Jato, alvo de preocupação de ninguém, até que, finalmente, chegou-se ao andar superior da criminalidade; e lá chegando, descobriu-se que o juiz que produz a prova com ela se contamina. É bom que se diga, e aqui falo em face da experiência acumulada em mais de três décadas julgando na área criminal, que em face do mau julgador, do julgador venal, faccioso e descomprometido, nada se pode fazer. E não será com a figura do já famigerado juiz das garantias que se assegurará a sua imparcialidade, que já nasce comprometida em face do seu caráter. O juiz das garantias, podem crer, é apenas mais um engodo, um instrumento por meio do qual obstáculos serão criados à persecução penal, em face dos grandes criminosos, cumprindo lembrar, a propósito, o que disse o Ministro aposentado Carlos Veloso, segundo o qual tratar-se-ia de uma excrescência surgida sabe Deus ou o diabo por quê. Sob ataques inauditos, é bom que se diga à guisa de alerta, que a primeira instância, de onde ainda saem decisões corajosas de combate à corrupção, nunca mais será a mesma, sobretudo se for aprovada, como parece que será, a proibição a juízes de primeiro grau de decretarem medidas cautelares contra deputados e senadores, outra excrescência também gestada para perpetuar a impunidade da classe de cima. No Brasil, infelizmente, ainda prepondera - e preponderará por muitos anos - a velha máxima de que quem pode mais chora menos. É isso.



PETINHADAS

*** A hipocrisia do brasileiro é um dos assuntos do Colunação deste domingo!!! Uma das notas menciona falas do ministro Paulo Guedes que causaram muita polêmica nesta semana!!! No entanto, apesar de atabalhoadas, as declarações refletem verdades incontestáveis!!! Pois bem..., vamos agora à hipocrisia de maranhenses; mais precisamente, de ludovicenses!!! Na sexta-feira foi anunciado um reajuste de 30 centavos no preço da passagem de ônibus em São Luís, a vigorar a partir deste domingo!!! Pronto, foi o bastante para o “mundo vir abaixo” nas redes sociais!!! Aumenta salário de tudo; de professor, de juiz, de desembargador, conta de energia, estacionamento, combustíveis, motoristas e cobradores, piso do jornalista, do deputado, do senador..., mas a passagem de ônibus, quando é reajustada, o mundo vem abaixo!!! Essa imagem ‘rolou’ ontem nas redes sociais, e mostra tudo isso!!! O ‘X’ da questão é: REAJUSTE DE PASSAGEM!!! Fosse um reajuste de 1 centavo, a reação seria a mesma!!!



• “O Brasil é um país hipócrita”, costuma dizer meu chefe, com toda razão!!! Não só o Brasil, mas o Maranhão também!!! O problema do ministro Paulo Guedes é o destempero, a forma como fala; fruto, talvez, da sua convivência com o presidente Jair Bolsonaro, outro atrapalhado com as palavras, e useiro e vezeiro em disparar bravatas, como a mais recente, de zerar os impostos dos combustíveis!!! Guedes tem absoluta razão quando fala dos parasitas no serviço público!!! Só muita hipocrisia para não admitir que os órgãos públicos federais, principalmente nos estados, têm parasitas “pra dar e vender”!!! Daí a generalizar é um erro imperdoável do ministro bolsonarista, porque, do mesmo jeito que têm parasitas, os órgãos públicos brasileiros estão repletos de bons e ótimos servidores!!! Quanto à declaração polêmica sobre a possibilidade de empregadas domésticas viajarem à Disney, com o real valorizado, mais uma vez Guedes está correto, mas ‘escorregou’ na ‘força de expressão’ que não consegue medir por colocar o ‘fígado’ acima da razão!!! Quanta hipocrisia atacar o ministro pelo cerne da questão!!! E empregada doméstica, com o salário que recebe, tem lá condições de ir para a Disney????!!! NÃO TEM!!! Problema é a forma como Guedes fala!!! É o ‘destrambelho’ dele que ‘despeja’ preconceito, levando-o a perder a razão!!! Mas, no cerne da questão, está correto!!! Mas a hipocrisia do brasileiro jamais vai admitir!!!

• O que precisa ser visto é se houve aumento acumulado acima da inflação!!! Se houve, que a Prefeitura de São Luís reveja e ‘trabalhe’ em cima do que diz o Código do Consumidor!!! Só que, como Dr. Pêta disse acima, o reajuste pode ser de 1 centavo que a ‘gritaria’ de quem se aproveita dessas situações e das ‘Marias vão com as outras’ será a mesma!!! O usuário do transporte, mesmo, é o que menos reclama, no caso de um reajuste de acordo com a inflação!!!

Osmar Gomes dos Santos

Juiz de Direito da Comarca da Ilha de São Luís, membro das academias Ludovicense de Letras, Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras.



LÍNGUA PORTUGUESA EM PERIGO?

Em um desses fins de semana recentes, encontrava-me sentado em meu sofá, estrategicamente posicionado no meio da sala. A televisão, posicionada logo à frente, estava ligada, embora eu estivesse totalmente desligado, perdido em meus pensamentos devaneios, que me fazem fugir da realidade e me transportam para tempos longínquos.

Um estalo. Recobro minha atenção para o momento. Passo a mão no controle e decido conferir a programação dos canais abertos que temos à disposição. Deparo-me com um programa que me chama bastante atenção. Duas equipes de jovens travam uma disputa cujo prêmio é uma viagem com seus amigos. Para isso, precisam somar pontos em vários desafios de conhecimentos gerais a conteúdos lecionados nas escolas.

O que me deixou estupefato foi justamente o fato do programa ser destinado a jovens que, aparentemente, se encontram na fase de transição entre ensino médio e a faculdade. Nessa faixa etária, em tese, a juventude deveria estar a todo vapor, devorando livros e por dentro dos principais temas em debate. A curiosidade e a perspicácia deveriam ser características marcantes nessa fase da vida.

O programa se desenrolava, com perguntas e “xaradas” sobre temas diversos – conhecimentos gerais, geografia, entre outros. Na prova, cada etapa vencida permitia ao desafiante avançar “uma casa”, oportunidade em que mudavam os desafios. Eis que é chegado o dito desafio que me desperta mais atenção, era de soletrar a palavra dita e repetida pelo apresentador, incluindo eventuais sinais e acentos gráficos. Bastava um acerto para finalizar a prova. Mas o último desafio, aparentemente fácil, se estendeu por mais de uma dezena de minutos, uma vez que nenhum dos alunos conseguia soletrar, de forma correta, as palavras, algumas até bem presentes em nosso cotidiano.

O nome do programa, do colégio, tampouco dos alunos não vem ao caso. Minha preocupação recaiu sobre as respostas e, de forma geral, me

fez pensar na qualidade do ensino que temos atualmente.

Terregiver (tergiversar), idiocrásia (idiosincrasia), oniciencia (onisciência), microondas (micro-ondas), obsção (obsessão), reflêxo (reflexo), textil (têxtil), exepcional (excepcional), prachi (praxe), atarrachar (atarraxar).

Aquelas respostas causaram-me espanto, ao passo que acenderam o sinal de alerta para como estamos tratando nossa Língua Portuguesa. Embora possa haver dificuldade em uma ou outra grafia, a maior parte das palavras ora mencionadas no desafio são usuais no vocabulário, principalmente para quem ainda frequenta os bancos escolares e, por essa razão, devem estar em permanente contato com conteúdos educacionais dos mais diversos, em especial o nosso Português. Embora estudos indiquem o aumento no percentual de leitura entre pessoas que dizem ler – o que é algo muito subjetivo, pois é um dado que não se pode mensurar por meios concretos –, ainda é baixo e pouco diverso o conteúdo daquilo que leem. A bíblia e alguns escritos religiosos estão entre as obras mais citadas.

A leitura, de fato, ajuda na boa redação, mas mais do que a quantidade, a qualidade é que faz toda a diferença. Aí é que mora o ponto nevrálgico. Naturalmente para se escrever bem é preciso conhecimento do vocabulário, que por sua vez é adquirido com o hábito da leitura e o exercício da escrita.

Daí porque a afirmação de muitos especialistas que esta é uma deficiência trazida desde as séries iniciais, já que crianças são pouco estimuladas para a escrita e leitura, exercitando pouco o potencial a ser explorado. Não por acaso, a redação continua ser um “bicho-papão” de vestibulares e concursos Brasil a fora.

À falta de incentivo na tenra idade, soma-se a interferência das tecnologias de informática e da comunicação na escrita, notadamente na geração chamada de “millennials”. Ela praticamente já não escreve, a não ser quando exigida, em regra. Utilizam programas e aplicativos de digitação nos quais a “correção” de palavras é automática ou,

em alguns casos, fazem o emprego de “vocábulos” segundo convenções modernas, fora da norma padrão.

É uma geração marcada pela ansiedade acerca dos acontecimentos e que, por consequência, se expressa de forma mais intensa pelas chamadas redes sociais – com postagens e comentários abreviados e sem respeitar as regras. A leitura e o exercício permanente da escrita correta, o que demanda tempo e paciência, vão sendo deixados de lado. Peca-se no vocabulário, erra-se a ortografia, rasga-se a gramática.

Mas as novas tecnologias não são necessariamente vilãs, uma vez que possuem suas qualidades, como contribuir para estimular a criatividade e permitir acesso a um vasto conhecimento nas plataformas digitais. A grande questão é saber equilibrar o tempo entre o uso das ferramentas disponíveis e a leitura de obras, revistas e jornais, combinado com o exercício diário da escrita.

A ansiedade, a falta de concentração e o pouco controle emocional também interferem negativamente em uma boa escrita, mas são fatores que podem ser trabalhados se iniciados desde cedo. Juntando-se o conhecimentos gerais e o estudo da nossa Língua Portuguesa ao bom preparo psicológico, é possível ir bem em qualquer situação.

Importante destacar que o papel da família é fundamental no incentivo da leitura e na promoção do diálogo acerca do conteúdo lido. Presentear com livros, visitar bibliotecas, assistir peças teatrais e noticiários também estimula o senso crítico e a formação de opinião. O hábito de leitura reflete diretamente em como nos expressamos ao mundo.

Sobre o programa de auditório? Bom, após dez palavras erradas, “estrofe” foi soletrada corretamente. Uma prova de que a persistência deve prevalecer às adversidades, o que também ocorre com a nossa língua. Em bom Português: somente a prática leva à perfeição.

(REPRODUZIDO A PEDIDOS)

parar na delegacia em São Luís

São Francisco

Disputa por parte de terreno entre ex-deputado e aposentado vai parar na delegacia em São Luís

FOTOS: GILSON FERREIRA

AIDÊ ROCHA

O imbróglio entre o aposentado Aquiles Cutrim Pinto e o ex-deputado Marcos Caldas foi parar na Delegacia do Idoso, em São Luís. No boletim de ocorrência, registrado pelo idoso de 79 anos, no dia 3 de fevereiro deste ano, a denúncia é de que Caldas iniciou obras sem qualquer comunicação prévia em uma área que não pertence ao aposentado.

O local apontado por Aquiles fica localizado na Rua 3, próximo ao retorno do São Francisco, sentido Avenida Colares Moreira, entre um centro comercial e um restaurante, que são, respectivamente, propriedade do ex-deputado e do aposentado. A área em questão, segundo o denunciante, está registrada em cartório como dele, sendo pertencente a Caldas apenas o que lhe foi vendido por sua ex-mulher e, na época, denominado de lotes 25, 26 e 27. Consta do boletim de ocorrência que homens, contratados pelo ex-parlamentar, quebraram a calçada da área e abriram valas para colocação de fiação elétrica para o imóvel de Caldas, que se negou a parar com o serviço, mais uma vez afirmando que o espaço faz parte do que ele comprou.

“Eu me separei e a minha ex-mulher ficou com esses três lotes na divisão dos bens, e acabei ficando apenas com o de canto, que é bem pequeno. Então ela vendeu para Marcos Caldas os lotes 25, 26 e 27. O meu era o 27-A. Na ocasião, ele exigiu dela uma declaração dizendo que esta parte do lote 27-A, que fica de frente para a Colares Moreira, e é meu, também estaria na compra”, explicou Aquiles à equipe do **Jornal Pequeno**.

Ocorre que a declaração assinada durante a venda vai de encontro com o registro do imóvel, fato que, afirmou o aposentado, comprova que o espaço causador da confusão entre os dois é mesmo de sua propriedade. “Lá está bem definido. Uma área de 700 metros quadrados, com a lateral direita limitada ao lote 27-A”, garantiu.

O idoso reclamou ainda que já perdeu inquilinos em razão das atitudes do ex-deputado desde que o mesmo comprou os lotes. “Tive de ir atrás dos meus direitos. Fomos à delegacia e se for preciso vamos à



Área entre restaurante e uma loja é o alvo da disputa entre o aposentado e o ex-deputado Marcos Caldas

Justiça”, explicou.

OUTRO LADO

O ex-deputado Marcos Caldas, em conversa com a reportagem do JP, garantiu ser o dono da área, conforme o contrato assinado por ele, o corretor, a ex-proprietária e o filho dela.

A compra dos lotes, onde hoje está construído o Centro Comercial Play Center, foi feita em 2009. No documento, do mesmo ano, que é uma escritura de compra e venda, consta, segundo Caldas, justamente a propriedade desse espaço. “Não pode fechar o atual acesso do lote 27 à Avenida Colares Moreira, pois esta área faz parte desta compra e venda. Ou seja, fica claro que é meu. O documento foi feito e assinado”, destacou.

O ex-deputado alegou que não existia 27-A quando foi realizado o contrato. De acordo com ele, esse espaço surgiu apenas quando o aposentado foi registrar a separação dos lotes no cartório. “Era 25, 26 e 27, não tinha 27-A. Depois de tudo feito, e que eu paguei, foi que ele foi fazer o 27-A. Quando adquiri, ficou dele desmembrar. Eu deixei bem claro no contrato, fiz o desenho e mandei assinar”, disse.



Ao Jornal Pequeno, o aposentado Aquiles Cutrim apresentou documentos que diz serem as provas de que ele é o dono da área